



O PUDOR NAS OBRAS “A PIANISTA” DE ELFRIEDE JELINEKE E “A METAMORFOSE” DE FRANZ KAFKA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA

Wltenize Izolina Ferreira de Melo ¹
Daianny Fernandes da Silvas ²
Anderson Rany Cardoso da Silva ³

RESUMO

Este trabalho objetiva identificar a função do pudor nas obras “A pianista” de Elfriede Jelinek e “A metamorfose” de Franz Kafka. Para isto, recorreremos a um trabalho de cunho qualitativo, o qual, através de um estudo bibliográfico e lançando mão do método comparativo, busca descrever e comparar a forma como o tema do pudor se coloca nessas duas obras. Nos baseamos no estudo de Bologne (1990), que apresenta diferentes formas de pudor: pudor dos sentimentos, pudor corporal e pudor artístico, e, a partir das discussões por ele levantadas, comprovamos que em “A pianista” o tema é tratado com base numa imagem ancorada no corpo, enquanto que, por outro lado, na obra de Franz Kafka aborda-se o tema do pudor em função de questões ligadas aos sentimentos. Assim, conseguimos concluir que, diante das obras analisadas, o pudor corporal está relacionado ao feminino, enquanto o dos sentimentos liga-se ao masculino, servindo para impulsionar a trama vivenciada pelos personagens das obras.

Palavras-chave: Pudor, Pudor corporal, Pudor dos sentimentos.

INTRODUÇÃO

O pudor é definido pelo dicionário como “sentimento de vergonha, timidez, mal-estar, causado por qualquer coisa capaz de ferir a decência, a modéstia, a inocência”, ou ainda como “sentimento e atitude desenvolvidos por uma educação rígida calcada em conceitos culturais, de base religiosa, que impedem que certas partes do corpo sejam expostas com naturalidade, sem constrangimento”.

¹ Mestranda em Linguística e Ensino na Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Graduada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, wltenize_mello@hotmail.com;

² Especialista em Metodologia do ensino de Língua Portuguesa, Literatura e Artes pela Faculdade Venda Nova do Imigrante – FAVENI. Graduada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, daianny10feernandes@gmail.com;

³ Mestrando em Linguística pelo PROLING da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Graduado em Letras – Português pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB/BR, com período sanduíche na Universidade de Coimbra – UC/PT).



Segundo Bologne (1990), o pudor, partindo do ponto de vista histórico, além do pudor corporal, permeia-se em nosso meio um pudor ligado aos sentimentos. Com base nessas informações, desenvolvemos este trabalho a partir da questão norteadora que segue como “Qual a função do pudor nas obras “A pianista de Elfriede Jelinek e “A metamorfose” de Franz Kafka?”, a qual se identifica como o problema de nossa pesquisa.

Partindo deste tentamos em nossa pesquisa analisar como se manifesta as formas de pudor na literatura, buscando assim, explicar sua função nas obras em discussão. Neste sentido a pesquisa se desenvolveu através de uma análise descritivo-interpretativa, uma vez que através da descrição da abordagem do pudor interpretamos sua função nas obras literárias em estudo, estudo este que será bibliográfico, utilizando apenas de dados coletados pela leitura da teoria do pudor e das obras “A pianista” e “A metamorfose”. Sendo assim, segundo a natureza dos dados, a pesquisa é dada como qualitativa pois foca no caráter subjetivo do objeto analisado.

Dito isto, o trabalho segue dividido em três pontos, no ponto que segue será discutido o arcabouço teórico que fundamenta as ideias presentes na pesquisa. Logo após vem o tópico destinado às discussões e análises das obras, esta foi subdividida em três partes, na primeira há a análise do pudor na obra “A pianista” de Elfriede Jelinek, na segunda será feita a abordagem do pudor na obra “A metamorfose” de Franz Kafka e a terceira destina-se à análise comparativa do pudor nas duas obras. Por fim, no terceiro ponto serão feitas as considerações finais à cerca do trabalho.

REFERENCIAL TEÓRICO

As definições do dicionário trazem o pudor dividido em duas formas, a primeira, está ligada ao corpo e a segunda aos sentimentos.

Bologne (1990), tratando o pudor do ponto de vista histórico frente a sociedade europeia francesa da alta idade média até os nossos dias atuais, concluiu que cada época privilegia um aspecto de pudor diferente. Ao definir o pudor, ele nos diz que este será o “sentimento de vergonha, de incômodo que se tem ao fazer, ao enfrentar ou ao ser testemunha das coisas de natureza sexual; disposição permanente para esse sentimento” (BOLOGNE, 1990, p.8), e ainda como “incômodo que se sente perante aquilo que a dignidade de uma pessoa parece proibir” BOLOGNE, 1990, p.9).



Dito isto, vemos que a primeira definição de pudor dada anteriormente pelo autor embasa-se no pudor ligado ao corpo, o pudor sexual, já a segunda alinha-se mais ao pudor dos sentimentos.

Partindo então para a definição do pudor dos sentimentos, Bologne (1990) usa um romance do séc. XIII como fonte de exemplo. Neste, o belo Escarnor ao chorar a morte de uma amiga é repreendido pelos companheiros que lhe falam sobre a inconveniência de um homem como ele manifestar sua dor, e, sob essa intervenção o homem conteve-se, pois era vergonhoso que sua dor fosse exposta daquela forma.

Visto isto, o autor nos diz que “sob o “nojo” de Escarnor esconde-se uma das formas mais constantes do pudor: a de os homens mostrarem suas lágrimas”. Diante desta informação prevalece até os dias atuais o discurso de que o homem não pode chorar, e a mulher por sua vez não pode proferir palavras grosseiras, como podemos ver na citação que segue:

Visto deste ângulo, o pudor surge mais como uma enfermidade do que como uma virtude. Serve para dissimular uma fraqueza, um ridículo, a falta de uma armadura – as lágrimas não ficam bem ao homem, como as palavras grosseiras à mulher. E é aqui que a história volta a entrar no pudor do sentimento. (BOLOGNE, 1990, p. 9)

Sendo assim, o pudor ligado aos sentimentos é mais uma questão estilística, uma forma de adequar-se aos padrões exigidos pela sociedade no intuito de não receber assim críticas negativas sobre sua personalidade.

Embora hoje exista a presença do feminismo, o pudor se manteve vivo e é bem mais original da parte da mulher que do homem, e, aquela que não o tem o suficiente é considerada depravada, pois está maltratando um sentimento natural do seu sexo.

O cristianismo primitivo vai acrescentar a este pudor pretensamente natural a sua obsessão paranoica da sexualidade feminina. Durante quinze séculos vive-se à sombra da imagem de Eva, a tentadora, que suscitou a queda do homem. Até os médicos, no século XVI, estão de acordo quanto a definir um desejo mais feminino que masculino. (BOLOGNE, 1990, p. 11)

A partir daí que irá surgir o comentário de que tudo será, no fim, culpa da mulher que não teve pudor o suficiente em qualquer situação vivenciada que seja.

Nesse sentido surge o discurso de que para alimentar o desejo do homem a mulher deve manter seu pudor conservado e esperar que a iniciativa seja sempre tomada pelos



homens. Como podemos ver quando o autor no diz que “viva, pois o pudor feminino que alimenta o desejo do homem”. (BOLOGNE, 1990, p.12)

Frente às informações obtidas até aqui, é possível compreender que o pudor dos sentimentos tem uma maior ligação aos sujeitos do sexo masculino, já o pudor sexual está diretamente ligado às pessoas do sexo feminino.

O autor ainda nos traz o pudor das mais variadas formas, o corporal, que te impede de olhar ou realizar uma ação, o artístico, ligada as representações dessas ações e a decência, que está mais ligada ao sentimento de vergonha frente os julgamentos da sociedade. Sendo assim, o individual está ligado ao pudor e o social à decência.

Assim, trazendo o pudor para o contexto social de hoje, consiste em cada qual preservar a sua intimidade, evitando qualquer exibicionismo, seja do corpo ou dos sentimentos. No intuito de que não há necessidade de revelar tudo para os outros, tanto os homens quanto as mulheres tomam atitudes discretas e recatadas de acordo com o meio em que estão inseridos. Dessa maneira, é possível notar o papel restrito e limitado de ambos os gêneros em virtude do pudor do corpo e dos sentimentos, do qual estão sujeitos dentro da sua realidade de mundo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O pudor na obra “A pianista” de Elfriede Jelinek

O desenvolvimento da análise desta obra se deu através da reflexão sobre o pudor nos seis primeiros capítulos da primeira parte da obra. A pianista, romance austríaco publicado por Elfriede Jelinek em 1983, retrata através de uma narrativa em terceira pessoa, a história de Erika Kohut, uma professora de piano de quase quarenta anos, rígida com os alunos e com a ideia de que se ela não conseguiu sucesso em sua carreira, nenhum aluno também o merecia.

Como um enxame de folhas de outono carregadas pelo vento, ela entra pela porta em alta velocidade e tenta alcançar seu quarto sem ser vista. Mas mamãe já está postada bem ali e exige-lhe explicações. Inquisidora e pelotão de fuzilamento em uma só pessoa, reconhecida unanimemente pelo Estado e pela família como mãe, ela a põe contra a parede e a obriga a falar. Quer saber por que Erika só está chegando agora, tão tarde, em casa. Já faz três horas que o último aluno voltou para casa, depois de ter sido ridicularizado por ela. (JELINEK, 2011, p. 9)



Além desta imagem de professora severa, como filha, sofre grande represália de sua mãe, que causando uma grande pressão em sua vida, controla tudo, desde os gastos até as suas vestimentas.

[...] Quatro volumes de sonatas de Beethoven dividem o espaço exíguo com um vestido novo, o qual, evidentemente, acaba de ser comprado. A mãe logo se enfurece com o traje. Ainda há pouco, na loja, pendurado no cabide, o vestido parecia tão tentador, colorido e macio; agora, jaz como um trapo frouxo no chão, perfurado pelos olhares da mãe. O dinheiro que foi gasto com o vestido estava destinado à caderneta de poupança! (JELINEK, 2011, p. 10)

Diante deste trecho, podemos notar a falta de autonomia da professora no controle de sua vida, pois esta, vive a mercê das vontades de sua mãe controladora, que além de tomar de conta das economias da filha, revolta-se com a realidade que Erika vive, mostrando repúdio a vaidade que habita na professora.

É a mãe quem determina de que jeito Erika vai sair de casa. Assim é que você não vai sair, determina a mãe, que tem medo de que a filha entre em casas estranhas com homens estranhos vestida daquele jeito. E a própria Erika tomou a decisão de nunca usar seus vestidos. É dever da mãe ajudar nas decisões e impedir as erradas. (JELINEK. 2011, p. 16)

A partir daí é possível notar a presença do pudor, uma vez que ao privar a filha de usar alguns modelos de roupas, direciona ela a sentir-se culpada por realizar tal prática, evidenciando-se assim um pudor sexual, ligado ao corpo. Sendo assim, o pudor torna-se aparente como consequência da censura que a mãe a impôs.

Tendo os ensinamentos da mãe como guia de sobrevivência, torna-se ainda mais evidente a presença do pudor em Erika quando ela vai a uma casa de exibição corporal, onde haviam cabines de shows eróticos.

Há também clubes onde é permitido fotografar. Nesses cada um escolhe à vontade o seu modelo. Mas Erika não quer entrar em negociações. Ela só quer olhar. Vai ficar sentada ali, quietinha, e olhar. Olhar. Erika olha sem tocar. Não tem oportunidade nem sensibilidade para acariciar-se. [...] Essas mãos devem tocar piano e não se esgueirar por debaixo do cobertor como formigas e dirigir-se para o pote de geleia. (JELINEK, 2011, p. 64)

Até aqui, o pudor continua a incidir mais sobre o corpo, por extensão a questão sexual, pois, embora a professora encontre prazer no ato de observar casais tendo relações



sexuais, ela se auto reprime do desejo de se tocar, uma vez que ao fazer isto, imagina estar infringindo os valores que sua mãe a ensinou.

Em outro momento é possível analisar a presença do pudor, quando o aluno das aulas de piano, Herr Klemmer, se sente atraído pela professora. Nesse caso, o pudor é fruto do conflito que a professora irá viver entre sua auto censura e o desejo que possuía.

[...] Seria o fecho de ouro para um dia sonoro como o de hoje. E esse aluno chega cada vez mais perto dela. Será que ele não pode manter-se à distância? É incômodo sentir perto de si um corpo jovial e fervente. Esse jovem parece tão terrivelmente intacto e despreocupado que Erika entra em pânico. Será que ele vai querer impor sobre ela o peso de sua saúde? (JELINEK, 2011, p. 88)

Tendo isto em vista, a pressão psicológica vivenciada pela professora vai ao encontro das ideias de Bologne (1990), que ver o pudor mais como um sintoma que como uma virtude.

O pudor na obra “A metamorfose” de Franz Kafka

A novela escrita por Franz Kafka no ano de 1915 está dividida em três partes que retratam a história de Gregor, um homem aprisionado no corpo de uma barata.

Infelizmente a fuga do chefe de escritório pareceu pôr o pai de Gregor completamente fora de si, embora até então se tivesse mantido relativamente calmo. Assim, em lugar de correr atrás do homem ou de, pelo menos, não interferir na perseguição de Gregor, agarrou com a mão direita na bengala que o chefe de escritório tinha deixado numa cadeira, juntamente com um chapéu e um sobretudo, e, com a esquerda, num jornal que estava em cima da mesa e, batendo com os pés e brandindo a bengala e o jornal, tentou forçar Gregor a regressar ao quarto (KAFKA, p. 11-12).

Embora Gregor não sinta repulsa ao seu corpo e tente adequar seu modo de vida para viver como uma barata, a atitude do pai, assim como de toda a família de Gregor remete ao pudor ligado aos sentimentos, que são expressos através do nojo e da vergonha.

É claro que o pai, no estado de espírito atual, estava bem longe de pensar em qualquer coisa que se parecesse com abrir a outra portada, para dar espaço à passagem de Gregor. Dominava-o a ideia fixa de fazer Gregor regressar para o quarto o mais depressa possível (KAFKA, p.12).

Movidos pelo repúdio ao bicho que se tornou o filho, o pai de Gregor escondia-o para evitar que a presença do filho os envergonhassem ainda mais de qualquer maneira



que fosse. O sujeito passa a ser mantido trancado em seu quarto tendo contato apenas com os sons que conseguia ouvir pela fechadura da porta de seu quarto.

A família adquirira o hábito de atirar para o seu quarto tudo o que não cabia noutro sítio e presentemente havia lá uma série delas, pois um dos quartos tinha sido alugado a três hóspedes. Tratava-se de homens de aspecto grave, qualquer deles barbado, conforme Gregor verificara um dia, ao espreitar através de uma fenda na porta, que tinham a paixão da arrumação, não apenas no quarto que ocupavam, mas também, como habitantes da casa, em toda ela, especialmente na cozinha. Não suportavam objetos supérfluos, para não falar de imundícies (KAFKA, p. 26).

A presença de Gregor dentro daquela casa passa a ser cada vez menos significativa, uma vez que ali, ele já não tinha serventia nenhuma, pois havia perdido o valor por não ter mais o que oferecer. Sendo assim, passou a ser tratado como aquilo que se tornou, tornando-se cada vez mais isolado por sua família.

Por outro lado, como os hóspedes jantavam frequentemente lá em casa, na sala de estar comum, a porta entre esta e o seu quarto ficava muitas noites fechada; Gregor sempre aceitara facilmente esse isolamento, pois muitas noites em que a deixavam aberta tinha-se alheado completamente do acontecimento, enfiando-se no recanto mais escuro do quarto, inteiramente fora das vistas da família (KAFKA, p. 27).

A partir disto, trabalha-se a ideia do abandono, uma vez que no ato de tentar manter a decência para com os hóspedes, a família passa a ignorar a presença do homem barata. A situação se agrava ainda mais quando Gregor decide se infiltrar onde estão os hóspedes e sua família a ouvir sua irmã tocar violino, o que acaba causando uma situação perturbadora e espantando a presença dos hóspedes naquela casa.

- Queridos pais - disse a irmã, batendo com a mão na mesa, à guisa de intróito as coisas não podem continuar neste pé. Talvez não percebam o que se está a passar, mas eu percebo. Não pronunciarei o nome do meu irmão na presença desta criatura e, portanto, só digo isto: temos que vernos livres dela. Tentávamos cuidar desse bicho e suportá-lo até onde era humanamente possível, e acho que ninguém tem seja o que for a censurar-nos (KAFKA, p. 30).

Diante desta situação, a família passa a concordar com a opinião da irmã citada anteriormente, e concluem que só seria possível progredir na vida sem a presença de



Gregor e sua imagem de barata. Sendo assim, após a morte daquele, eles seguem viagem em um trem em busca de um futuro melhor.

Pode-se considerar que, até aqui, prevaleceu a imagem do um pudor ligado aos sentimentos, evidenciando assim a vergonha e incômodo da família de Gregor em relação a imagem que ele passou a carregar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista as obras analisadas neste trabalho, podemos acreditar que as ideias de pudor orientadas por Bologne (1990) vão ao encontro do que aqui foi observado. Diante da obra de Jelinek (2011), pôde-se observar que, guiada pelos ensinamentos da mãe, em Erika, professora de piano, foi criada uma espécie de pudor sexual, o qual a fazia incapaz de realizar seus desejos, pois acreditava que aquilo te faria impura frente aos julgamentos sociais.

Por outro lado, na obra de Franz Kafka, *A metamorfose*, fica evidenciado a presença do pudor ligado aos sentimentos, uma vez que, a família de Gregor, ao vê-lo preso no corpo de uma barata, passam a criar repulsa ao membro daquela família. Tendo em vista que o filho não teria mais serventia naquele lar e faria eles passarem por alguma situação vergonhosa frente à sociedade, eles seguem caminho sem a presença de Gregor. Com isto, prevalece os sentimentos de vergonha e incômodo.

Ao final das análises desenvolvidas neste trabalho, notamos que o pudor, seja ele ligado ao corpo ou aos sentimento, age como ferramenta que impulsiona o desenvolvimento da trama. Em “A pianista”, primeira obra analisada, o pudor sexual obtido pelos ensinamentos da mãe, torna capaz que a protagonista viva o drama de querer vivenciar um romance e se sentir mal por sentir tal desejo. Já em “A metamorfose”, novela analisada em um segundo momento, o pudor ligado aos sentimentos de vergonha e incômodo que se mantem presente na família de Gregor, impulsiona o drama vivenciado pelo protagonista.

REFERÊNCIAS

- BOLOGNE, Jean Claude. **História do pudor**. Lisboa, Portugal. Ed. Teorema. 1990. (p. 7-21)
- FRANZ, Kafka. **A metamorfose**. 14º ed. Tradução de Modesto Carone, Companhia das Letras, São Paulo, 1997.
- JELINEK, Elfriede. **A pianista**. São Paulo. Ed. Tordesilhas. 2011. (p. 9-94).